



# 'ENTREUMEI': EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS(ES) DAS INFÂNCIAS EM CONTEXTOS PANDÊMICOS

## 'ENTREUMEI': EXPERIENCES OF TRAINING TEACHERS OF CHILDHOODS IN A PANDEMIC CONTEXT

Débora Assumpção dos Santos Rodrigues <sup>1</sup>

Fabiane Florido de Souza Lima <sup>2</sup>

**Resumo:** Com o presente texto, objetivamos discutir sobre movimentos de formação continuada ocorridos com professoras(es)<sup>3</sup> da Educação Infantil, em tempos de pandemia, em um período que as escolas se mantiveram-se fechadas por mais de um ano. Com o objetivo de produzirmos reflexões sobre processos de formação continuada e planejamento de professoras e professores no complexo tempo vivido, permeado de angústias, dores e incertezas, trazemos o relato de uma experiência de formação continuada ocorrida entre duas Unidades Municipais de Educação Infantil do Município de Niterói – RJ, no ano de 2020. A narrativa da experiência formativa nos aponta para o diálogo como base constitutiva dos processos de planejamento e tomadas de decisões compartilhadas e para as tensões que envolvem esse espaço-tempo de organização e planejamento do trabalho pedagógico remoto com crianças pequenas.

**Palavras-chave:** Formação de Professoras(es). Educação Infantil. Pandemia.

**Abstract:** With the present text, we aim to discuss the continuing education movements that took place with preschool teachers, in times of pandemic, in a period when schools were closed for over a year. Aiming to produce reflections on continuing education processes and teachers' planning in the complex time lived, permeated by anguish, pain and uncertainty, we present the report of a continuing education experience that took place between two Municipal Child Education Units in the city of Niterói - RJ, in the year 2020. The narrative of the formative experience points us to the dialogue as a constitutive base of the planning processes and shared decision making and to the tensions that involve this space-time of organization and planning of the remote pedagogical work with young children.

**Keywords:** Teacher Training. Children Education. Pandemic.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação, Universidade Federal Fluminense – UFF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7068966849825842>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3540-1034>. E-mail: [deborassumpcao@id.uff.br](mailto:deborassumpcao@id.uff.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4786623633709921>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1984-5500>. E-mail: [fabianesouza@educacao.niteroi.rj.gov.br](mailto:fabianesouza@educacao.niteroi.rj.gov.br)

<sup>3</sup> No texto optamos por usar primeiramente professoras no feminino, por considerarmos o quantitativo maioritário destas profissionais do gênero feminino.



## Introdução

Todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro [...] (BAKHTIN, 2011, p. 379).

O pensamento de Bakhtin, evoca o reconhecimento de que nos nutrimos das palavras do outro para construirmos nossas próprias palavras. Ser professor passa, fundamentalmente, por esse constante processo de (re)construção de experiências e palavras nas relações com o outro; é estar em contínuo movimento empático e alteritário no próprio sentido bakhtiniano, que diz respeito a uma relação dialógica entre os sujeitos. Nesse sentido, nasce a intenção de escrita deste texto, com a finalidade de compartilhar algumas ideias e reflexões produzidas a partir da empiria de professoras pesquisadoras de suas próprias práticas (GARCIA, 2008).

Em um duro cenário de uma crise causada pela pandemia da COVID-19, em que presenciamos o descaso político com as vidas revelado por meio de uma necropolítica que nega condições mínimas de sobrevivência às populações mais pobres, iniciamos esse texto a fim de narrar algumas experiências dialógicas de formação de professoras e professores das infâncias de escolas públicas do município de Niterói-RJ. Nossa intenção é trazer alguns elementos da empiria, dialogando com alguns conceitos, a fim de produzirmos reflexões teóricas potentes sobre possibilidades de (res)significação e (re)invenção da formação continuada de professoras(es). A narrativa será construída a partir de experiências ocorridas na interface estudo, pesquisa e formação do espaço e tempo das reuniões pedagógicas ocorridas entre duas Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI) da rede de Niterói.

A educação brasileira vem sendo, desde março de 2020, atravessada por uma grave crise causada pela pandemia da COVID-19, que perdura até o momento desta escrita. Neste momento adverso, as escolas vêm sendo reabertas de forma muito lenta e gradual por conta do ainda necessário e imperioso distanciamento sanitário, com vistas à redução da transmissão do novo coronavírus, o que envolve muitas complexidades e afeta a vida de crianças, famílias e profissionais de educação, demandando uma outra dinâmica de relações educativas e profissionais, impactando o cotidiano da Educação.

A pandemia da COVID-19 pegou a todos de sobressalto e tanto nos revela sobre educação e sociedade, sobre a ausência de políticas intersetoriais, sobre a indivisibilidade das políticas sociais em direção a um atendimento às demandas da população pelos seus direitos. A crise decorrente da pandemia trouxe à tona outras crises aprofundadas na sociedade brasileira, de ordem ética, social, educacional, econômica e política, agravando-as e trazendo complexas implicações.

A Organização das Nações Unidas (ONU) utiliza o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para medir o progresso mundial em relação à saúde, à educação e a diversos outros aspectos da vida social. Os indicadores demonstram que, pela primeira vez na história, o índice sofreu queda em escala mundial por motivo da pandemia da COVID-19 (AGUDO 2020). Para além do impacto mundial, o instituto *datafavela*, de acordo com Exame (2020)<sup>1</sup>, aponta que os brasileiros mais afetados têm raça, etnia e classe social bem demarcadas; são, em sua maioria, pertencentes aos estratos sociais mais empobrecidos da sociedade, que vivem nas periferias, revelando que a ausência de políticas, ou as políticas que negam a ciência na luta contra a COVID-19 se constituem em uma necropolítica, aquela que, intencionalmente, escolhe quem vive e quem morre.

A aglomeração nas habitações é um dos principais desafios dos moradores de favelas para se proteger contra a covid-19, como mostra uma nova pesquisa do Data Favela, do Instituto

<sup>1</sup> Disponível em: Aglomerados e sem renda: quem são os brasileiros mais afetados na pandemia | Exame (acesso em 05 de abr. de 2021)

Locomotiva. O estudo aponta ainda que, além do medo de perder a renda, boa parte dos moradores desse grupo se queixa de aumento de gastos durante a pandemia, sobretudo com as escolas fechadas e a presença dos filhos em casa (Ibidem).

Tal constatação reforça a analogia que Santos (2020, p.32) faz para referir-se à quarentena atual, em relação às outras quarentenas, de outrora. Os que viviam à margem, e tinham acesso negado ao básico para a sobrevivência, passaram a viver processos de exclusão ampliados a partir da pandemia. No caso das crianças, que historicamente vivem uma quarentena de dominação do adulto em relação a elas, silenciando as suas vozes, encontram-se, a partir da quarentena provocada pela pandemia, cerceadas do direito do encontro, do abraço, das interações com seus pares, das brincadeiras, experiências tão profícuas que se dão nos espaços-tempos da escola das infâncias, e que hoje encontram-se em suspensão. O planejamento de ações que visem alcançar as crianças e contribuir para o seu fortalecimento emocional e cognitivo tem se apresentado como grandes desafios, que exigem o amplo debate entre profissionais e sociedade.

Devido aos muitos atravessamentos e à má gestão política no bojo do combate à pandemia no cenário brasileiro, há mais de um ano do fechamento das escolas no país, o Brasil ainda apresenta números alarmantes de infectados e mortos pela COVID-19. Em março de 2021, o cenário foi considerado ainda mais grave que o do início da pandemia no país, de acordo com dados da FIOCRUZ (CASTRO, 2021), que reúne indicadores sobre a gravidade da crise, apontando neste período que o Brasil vivia o pior momento da pandemia, com 10% das mortes registradas no mundo.

Neste contexto, pelo constante risco de colapso na saúde pública, as escolas têm sido as últimas instituições a retomarem suas atividades presenciais, em função da natureza das ações e interações que ali se dão, as quais podem aumentar o risco de contaminação.

Em um cenário de distanciamento social que se prolonga por mais de um ano, é preciso pensar coletivamente os *inéditos viáveis* de que nos fala Freire (2016), no sentido de alimentar os sonhos e esperanças, a partir de uma percepção crítica da realidade, a fim de traçarmos caminhos possíveis em direção às nossas utopias.

Vivemos tempos de grandes incertezas, o que faz com que seja cada vez mais urgente a busca por conhecimentos que respondam aos complexos desafios que estão postos diante de nós. De acordo com as palavras de Bakhtin (2011), trazidas no enunciado deste texto, a orientação para a nossa caminhada virá das palavras do outro, dos nossos pares, daqueles que pesquisam e produzem ciência e de interlocutores que já construíram importantes reflexões a partir de outras crises vivenciadas no mundo. A escuta e a reelaboração dessas palavras a partir das nossas vivências particulares são consideradas fundamentais neste percurso.

Para esta escrita, articulada em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, traremos narrativas acerca de algumas experiências vividas no ano de 2020, junto a grupos de professoras(es) e funcionários das UMEI, no momento de excepcionalidade, em que os encontros presenciais foram interrompidos e outras práticas foram inauguradas, a exemplo dos encontros remotos, que passaram a ser desenvolvidos em inúmeros países do mundo e se fizeram essenciais para a continuidade das ações educacionais.

Objetivamos, contudo, apurarmos o olhar para o cotidiano de planejamento e ações pedagógicas das(os) professoras(es), a partir da interlocução sobre o trabalho remoto que se mistura à vida pessoal, aos sentimentos de angústia, de tristeza, de luto, de incertezas e de conflitos engendrados nesses tempos pandêmicos.

## **Fazendo o caminho no caminhar**

A trajetória de trabalho com professoras(es), equipes de apoio, crianças e famílias das duas UMEI vem sendo marcada por práticas nascidas de Projetos Políticos Pedagógicos que preconizam a democracia e a participação dos sujeitos que constituem a Educação Infantil, em uma relação dialógica com crianças, famílias e profissionais. De acordo com Oliveira-Formosinho e Formosinho,

[...] a democracia é mais que um modo de governo. É antes de tudo uma forma de viver em comunidade, de experiência comunicativa e compartilhada. É um modo de viver sustentado por uma crença profunda nas possibilidades da natureza humana (2019, p. 29).

Tomamos tais pensamentos sobre democracia como ponto de partida na construção de um currículo educacional ético e libertário, assim como ponto de articulação do trabalho pedagógico entre as duas UMEI.

As duas equipes de articulação pedagógica (EAP), formadas por direção, coordenação e supervisão pedagógica, vêm apostando em planejamentos participativos, em que o pensar, o sentir e o realizar das(os) professoras(es) estejam conectados, considerando que, especialmente neste momento de crise pela qual o mundo atravessa, também vivemos dores e perdas diante do caos que o vírus instaurou.

Diante desse cenário, nos perguntamos: como podemos pensar e planejar a Educação Infantil acerca das dimensões éticas, estéticas e políticas (BRASIL, 2010), em tempos tão duros quanto os vividos na pandemia? Como criar caminhos para a realização de um trabalho pedagógico sensível às necessidades das crianças e famílias, levando em conta as questões adversas pelas quais todos, sem exceção, têm atravessado em suas vidas privadas e coletivas?

Tais desafios se impõem quando falamos em planejamento participativo em tempos de exceção, e voltamos o olhar para a história de outras crises pelas quais a humanidade já passou, as quais mostram a criatividade nascida nas buscas por novas soluções e o despertar da força da solidariedade. Disso Morin (2011) nos fala ao traçar um histórico de crises atravessadas pela humanidade, muitas experienciadas por ele, concluindo que grandes movimentos solidários emergiram como solução possível diante de tais crises.

Dessa maneira, no percurso que se deu após o fechamento das escolas, um sentimento de comunidade e de solidariedade passa a ser percebido nos encontros virtuais que se deram desde então. A preocupação com o outro, o olhar para as fragilidades emocionais, a cooperação, como um fio que conecta, têm sido a tônica na relação entre professoras(es), funcionários da educação, gestão escolar e comunidade.

Uma das tensões encontradas nesse percurso foi a prática de atividades remotas, que passou a ser adotada sem o preparo dos profissionais, tanto tecnologicamente quanto em habilidades necessárias a esta ação. É importante destacar que docentes da Educação Infantil, em sua maioria, não tiveram formação e nunca atuaram na modalidade de ensino à distância (EAD), e, com o fechamento das escolas, emerge esta demanda de forma impositiva, exigindo que deem conta de atividades remotas, de modo a atrair crianças de creche e pré-escola para a frente das telas. As angústias da EAP potencializam-se diante desse grande desafio, cuja problematização se faz necessária quando trazemos essas questões para as experiências formativas com professoras(es).

A modalidade de EAD não se aplica à Educação Infantil, devido às especificidades do trabalho pedagógico com as crianças pequenas, e não há previsão legal para que seja utilizada, o que complexifica ainda mais a atuação dessas(es) professoras(es) durante o isolamento social. Ainda assim, em busca da manutenção de vínculos com crianças e famílias, é necessário pensarmos que

[...] os princípios que orientam o uso da EAD ou o uso de quaisquer dispositivos de ensino remoto implicam, entre outros, planejamento e gestão compartilhada, domínio, formação e autonomia dos sujeitos, acesso aos recursos disponíveis, acompanhamento e avaliação (ANPED, 2020).

O texto acima compõe o manifesto da ANPED (2020) contra as práticas de Ensino à Distância na Educação Infantil. O manifesto reafirma a defesa pelos direitos das crianças e suas infâncias, considerando a necessidade de escuta e planejamento coletivo de ações para a promoção de diálogo com as famílias, a fim de identificar os dilemas pelos quais têm passado crianças e suas

famílias no tempo de suspensão dos encontros presenciais, visto que muitas se encontram em situação de vulnerabilidade emocional e social. Nesse sentido, embora se reconheça a necessidade de uma adequação a novos meios de comunicação por vias virtuais para a manutenção e resgate dos vínculos, não é concebido o trabalho na Educação Infantil em uma modalidade EaD.

É importante atentarmos para as questões muito particulares da Educação Infantil, em que experiências e vivências são pensadas e elaboradas a partir de uma concepção de criança como

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas, vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 1).

Assim, o currículo da Educação Infantil não é construído a partir de conteúdos predeterminados, e, sim, perpassa interações, brincadeiras, cuidados, afetos, descoberta do mundo por meio da exploração e, portanto, exige uma reinvenção das práticas e das formas de pensá-las no contexto atual. Para isto, é necessário que professoras(es) se lancem ao desafio de reaprenderem novos caminhos e novas possibilidades de respostas aos questionamentos que se impõem, não deixando de considerar os direitos das crianças como centralidade em todo processo.

Com efeito, diante da complexa tarefa dos profissionais da Educação Infantil nesse cenário, as UMEI buscam meios de fortalecimento, de forma sensível e empática. Sobre isso, traremos um relato sobre a experiência, no sentido atribuído por Larrosa (2002, p.20), como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, vivida em um seminário, idealizado no entrelaçamento entre as UMEI, em um movimento de Rede (MANHÃES, 2004), intitulado “Seminário EntreUMEI: (Com) partilhando saberes e fazeres com professoras(es) das infâncias da Rede Municipal de Niterói”.

## **Partilhando experiências empáticas e sensíveis EntreUmei**

Explorar novas possibilidades, partindo de combinações e entrelaçamentos do que já existe, pressupõe o entendimento profundo da trama dessas redes, o tecido de suas trocas, seus enredos, fios e rumos, seus movimentos no tempo, no espaço, pelas múltiplas ações dos sujeitos que as tecem, em cada momento aproveitado, isto é, inventado no tecimento solidário (MANHÃES, 2004, p. 100).

Em busca de práticas que pensam a criança como centro do processo de elaboração do currículo da Educação Infantil, cuja tônica está na escuta sensível comprometida com o que as crianças dizem e compartilham através de múltiplas formas de expressão, as duas UMEI iniciam diálogos e reflexões sobre suas práticas. Ambas desenvolvem ações com as crianças, em um processo ação-reflexão-ação, cujo objetivo é a promoção de um trabalho na Educação Infantil considerando três dimensões como basilares e fundamentais: ética, estética e política.

Entretanto, para chegarmos ao trabalho com as crianças, pensamos ser necessário um olhar sensível para os profissionais que com elas lidam cotidianamente, percebendo-os como sujeitos indivisíveis, formados por corpo, cognição, emoção, historicidade, e concebendo que todas essas dimensões de que é formado o sujeito estão intimamente relacionadas às suas práticas e ao exercício da pólis. É importante tomarmos por base esses princípios para pensarmos possibilidades da construção coletiva, democrática e autônoma de projetos educacionais.

Seguindo essa linha de raciocínio, considerando as experiências que cada docente carrega consigo e o constitui como sujeito único e potente em suas práticas, as equipes de articulação pedagógica das UMEI buscaram um entrelaçamento entre docentes, visando a criação de

oportunidades para o diálogo, para a manifestação das suas emoções, para relações em que se ensina ao mesmo tempo em que se aprende, como preconizado por Freire (1996).

Se desejamos práticas dialógicas, éticas e participativas desde a Educação Infantil, entendendo a educação como práxis libertária e as crianças como cidadãos potentes para participar dos processos de decisão e de criação na Educação Infantil, faz-se necessário criar espaços para diálogo entre professoras(es), acolhida das suas vozes e busca por transformação da práxis a partir de experiências dialógicas, éticas, empáticas, sensíveis e estéticas entre pares.

Discutindo possibilidades de práticas significativas para as professoras(es) das infâncias, foi planejada uma ação de integração entre os grupos das duas UMEI da Rede Municipal de Educação de Niterói. A ideia começou a ser gestada antes da pandemia, quando surgiu o desejo de compartilhamento das práticas realizadas, em processo de aprendizagem e escuta mútuas, a fim de que esses processos dialógicos auxiliassem os docentes no planejamento e (re)elaboração do trabalho com as crianças.

Entretanto, em 2020, instaurou-se no mundo a crise causada pela pandemia e o isolamento social perdurou por um tempo que superou nossas expectativas, o que nos levou a buscar formas de compartilhamento de saberes e práticas utilizando as estratégias possíveis de encontros, considerando a necessidade de relações dialógicas, especialmente quando o exercício da escuta e de uma reflexão crítica sobre a realidade se faz cada vez mais necessário. Ainda, entendendo que a formação continuada das(os) profissionais da educação consiste em um movimento político e epistêmico, extremamente necessário ao trabalho pedagógico.

Nessa relação política, foi criado o projeto “Seminário EntreUMEI (Com)partilhando saberes e fazeres com professoras(es) das infâncias da rede Municipal de Niterói”, iniciado em meio às ações remotas, com os coletivos de docentes das duas UMEI aqui referenciadas. A primazia desse espaço-tempo de formação teve a intenção do partilhamento de nossas práticas, que vinham sendo tecidas no cotidiano envolto por um turbilhão de sentimentos, emoções e incertezas marcadas pela pandemia, que trouxe impactos, sobremaneira, na educação.

Com as atividades presenciais suspensas repentinamente e com o discurso que se polarizava na rede municipal sobre a necessidade de a Educação Infantil reinventar-se, integrando as tecnologias digitais ao fazer pedagógico, uma vez que as crianças pequenas não poderiam ficar de fora, buscamos pensar modos outros de fazer a Educação Infantil em coerência com as DCNEI (BRASIL, 2010) e com os Referenciais Curriculares da Educação Infantil de Niterói (NITERÓI, 2010).

A Superintendência de Desenvolvimento de Ensino/Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME), por meio da Diretoria de Educação Infantil, em setembro de 2020, enviou um ofício circular às UMEI com o objetivo de orientar as unidades quanto às ações pedagógicas durante o período de suspensão das atividades presenciais. Ressaltamos que, quando o documento foi enviado às UMEI, já vínhamos em um movimento, desde o mês de abril, de pensar o fazer pedagógico dentro das especificidades e singularidades da Educação Infantil remota.

Nesse contexto de orientações à educação remota com crianças de 0 a 5 anos, quatro pontos de tensão foram apresentados pela Diretoria de Educação Infantil/FME para o trabalho cotidiano com o coletivo infantil. Vamos nos deter no segundo ponto, o qual traz a importância de dar continuidade às reuniões pedagógicas semanais, em dia e horário acordados pela equipe pedagógica (EAP) das UMEI, junto com os demais profissionais da unidade, com a finalidade de manter esse espaço-tempo ao atendimento das necessidades de organização do trabalho pedagógico, estudos e formações continuadas.

Tivemos o privilégio de nos conectarmos na ação conjunta de formação. O (WEB)Seminário, proposto e organizado pelas duas UMEI, aconteceu em três encontros, nos meses de novembro e dezembro de 2020, e objetivou a promoção do diálogo entre docentes a partir de alguns temas trazidos por profissionais pertencentes às UMEI e outros externos, a fim de provocar inquietações, tensões e reflexões sobre o currículo praticado, despertando a sensibilidade para o planejamento de ações futuras. Nos três encontros do (Web)seminário, foram desenvolvidos os seguintes temas, respectivamente: A importância de se pensar projetos de leitura e poesia na Educação Infantil; Tecendo experiências com professoras das infâncias; Saúde física e emocional - roda de conversa e ginástica laboral em contextos de trabalho remoto.

O primeiro encontro que tratou da produção de projetos educativos que tomam a Literatura

Infantil como ponto de partida para a imaginação, a curiosidade, o diálogo e o despertar de diferentes sentimentos se constituiu em um profícuo tempo de partilhas. A professora que compartilhou suas experiências, frutos da pesquisa sobre a temática, pôde contribuir para que as(os) educadoras(es) presentes (entre professoras(es) e demais funcionários) refletissem sobre modos de compartilhar sensibilidades e afetos com crianças, famílias e entre pares, fortalecendo laços e apoios mútuos por meio de histórias e poesias.

Prosseguindo o (Web)seminário, o encontro que ocorreu na sequência objetivou um partilhar de experiências vividas com as crianças que revelaram beleza, poéticas e maravilhamentos, a fim de provocar um desencadeamento de ideias e reflexões sobre práticas que podem ser produzidas junto às crianças, despertando para a potência da realização de ações conjuntas, onde as crianças apontam os caminhos dos projetos idealizados e realizados a partir de seus interesses e curiosidades.

Algumas experiências compartilhadas falam da *poiesis* existente na relação entre adultos e crianças na educação infantil, da cumplicidade e do possível modo de imaginarem e desvendarem juntos os caminhos a serem percorridos. Em uma das narrativas, as professoras relataram sobre os desdobramentos de uma história lida para as crianças, *Obax* (NEVES, 2010), uma menina sensível que presencia uma chuva de flores e parte em uma aventura para provar aos habitantes de sua comunidade que o que havia visto era verdade. As crianças que ouviram a história construíram um cenário, junto às professoras, transformando o ambiente da sala de atividades em uma grande chuva de flores, onde suas famílias chegavam e eram acolhidas e envolvidas pela beleza da história.

Nestas experiências vemos o princípio estético proposto por Hoyuellos (2020), que diz que “a escola é um âmbito estético habitável” (p. 37), quando suscita emoções, sentimentos, afetos e conexões entre ambiente, natureza, pessoas em sua humanidade (adultos e crianças) e culturas. Prosseguindo nestas reflexões, é válido rememorar o vivido e narrado por uma dupla de professoras que atuava em bidocência com um grupo de crianças de 5 anos no ano de 2019.

Em uma festividade realizada na Lagoa de Itaipu, as crianças estavam curiosas, buscando “coisinhas do chão” (BARROS, 2002), quando encontraram uma pequena planta, a qual foi reconhecida por eles. Era um propágulo<sup>2</sup> utilizado no plantio do mangue de Itaipu, atividade voluntária em que profissionais da UMEI, junto às crianças e suas famílias costumeiramente estão envolvidos. Ao encontrarem essa planta, resolveram plantá-la em um recipiente com terra e, passado algum tempo, após retornarem do recesso escolar de julho, perceberam que aquela muda começou a apresentar folhagens. As crianças ficaram empolgadas e decidiram coletivamente que era necessário levar o propágulo para plantio no mangue. As professoras junto às crianças fizeram contato com um profissional de ações educacionais do Museu de Arqueologia de Itaipu, localizado no entorno do mangue, marcaram a data e levaram o propágulo, que foi plantado pelas crianças no local onde poderia crescer e reflorestar aquela área de preservação ambiental.

Nestas formas artesanais de trazer as narrativas, (BENJAMIN, 1987), professoras deixaram suas marcas nas histórias contadas sobre os vividos, compartilhando as alegrias do estar com as crianças e construir com elas o cotidiano da educação infantil, alimentando seus pares de esperanças e sonhos para um reencontro possível.

Encerrando, provisoriamente, um ciclo de conversas sobre práticas e significados de estar com crianças na educação infantil, a professora de educação física abriu espaço para que as(os) profissionais pudessem comprometer-se consigo mesmos em uma dimensão corpórea, de permitirem-se experiências corporais e de compreensão das linguagens corporais, respeitando tempos necessários de descanso, relaxamento, descontração, apostando

numa formação que considera a experiência de corpo inteiro em sua potência mobilizadora do sujeito. Ou seja, aquilo que ele pode experimentar, deixando-se penetrar, mobilizando seus sentidos de forma mais ampla, constitui-se num conhecimento encarnado, e não na mera erudição. Nessa perspectiva, a formação de corpo inteiro é aquela que, ao

<sup>2</sup> Propágulos são estruturas constituídas basicamente por células meristemáticas que se desprendem de uma planta adulta para dar origem a uma nova planta, geneticamente idêntica à planta de origem (clones). (Disponível em: Propágulo – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 15 de agosto de 2021).

mobilizar integralmente o sujeito, não o parte em dois – razão/emoção, cognição/afeto (OGEDA; LAGE e VIEIRA, 2018).

Convite feito às(aos) profissionais que prontamente aceitaram e lançaram-se às experiências de sentir a respiração, alongar, balançar, ampliar, expandir, movimentar, descontraír, perceber-se como inteiro na dimensão profissional, relacional e vivencial. Ao final da experiência corporal, tivemos um tempo para refletir coletivamente sobre o vivido e um profissional de psicologia colocou-se à disposição para uma conversa sensível acerca das tensões e incertezas deste tempo, produzindo reflexões sobre os caminhos possíveis para vivermos este momento de crise, em acolhimento ao próximo, como corpo que afeta e é afetado por outros corpos. (OGEDA, et. al., 2018).

Os encontros despertaram reflexões que reforçam a ideia de que, em tempos em suspensão, não há muitas possibilidades de planejarmos o futuro, e o que importa é pensarmos no hoje, na vida presente, nas infâncias das quais cuidamos e nas infâncias que guardamos em nós, nas dimensões relacionais e afetivas com estas infâncias.

No pensar sobre o presente, compreendemos que o tempo possível é de cuidarmos de nós mesmos e sermos solidários uns aos outros, e nesse sentido, nos remetemos ao que Kohan (2020) chamou de “paradoxo da pandemia”:

deu-nos um tempo, mas tirou-nos o espaço e os outros corpos. Deu-nos a possibilidade de nos fazer as perguntas, mas nos tirou os amigos e amigas com quem fazê-las, a insubstituível comunidade de sentido para conversar sobre o mundo compartilhado que essas perguntas abrem. E, envolvidos nesse paradoxo, os corpos que somos clamam pela volta da escola.

Diante desta realidade paradoxal, é importante refletirmos sobre outras temporalidades que nos atravessam, as que não podem ser contadas cronologicamente, mas que nascem das experiências, onde residem nossas infâncias (KOHAN, 2020). Para isso, os movimentos necessários são de insurgências ao controle do tempo *Khronos*, abrindo-nos à compreensão sobre o sentido escolar da pandemia (Ibidem), quando nos impõe a urgência de pensarmos as temporalidades por outras lógicas: as que dizem respeito ao tempo do brincar, da natureza, do livre pensar, do ócio, que fazem parte dos sentidos etimológicos da palavra escola.

### **(In)concluindo “Eis que entramos na era das incertezas”**

O pós coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise. Poderia tanto ser apocalíptico quanto portador de esperança. Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? [...] (MORIN, 2020, p.22).

Considerando os desafios colocados, compreendemos que a atuação da escola, nesses tempos pandêmicos, deve ser um aporte para (re)visitar o projeto político pedagógico com os coletivos, (re)pensar o nosso papel enquanto profissionais, assim como (re)inventar os espaços e tempos constituídos para que a Educação Infantil pública popular possa atender às expectativas e aos interesses das crianças e de suas famílias.

Diante da impropriedade de ações em modalidade EAD na Educação Infantil, é importante buscarmos, por meio do trabalho coletivo, a organização da educação das crianças pequenas a partir da flexibilização do fazer pedagógico educativos. É vital acolhermos as crianças e suas famílias por meio da escuta de suas vozes e do afeto, para ajudá-las a compreender que os momentos

díficeis existem, mas que é possível enfrentá-los. Sobretudo, é necessário estarmos em conexão com as famílias para pensarmos juntos sobre a educação, dialogar sobre como as infâncias se constituem, assim como tentar entender as questões que nos abalam diante da pandemia, que é o que nos mobiliza a seguir nesse novo modo de viver e estar na educação com os pequenos.

Não podemos deixar de pensar, neste momento em que celebramos o centenário de Paulo Freire, sobre o vasto legado que nos deixou, que ainda no momento presente, em meio a tantas incertezas, nos aponta para algumas direções. Uma das muitas direções vem da “esperança, do verbo esperar” (FREIRE, 1992). Acreditamos que a formação docente tem a dimensão política de busca por esperar sobre uma educação libertadora e humanizadora para a construção de uma sociedade mais justa, resistente e insurgente a todo e qualquer tipo de opressão.

Por compreendermos a ação formativa docente como um movimento político de fortalecimento coletivo para o enfrentamento dos desafios contemporâneos, tomamos como positiva a ação que envolveu dois coletivos singulares, mas que se conectam pelos princípios éticos, políticos e estéticos de pensar a educação das infâncias. Foram encontros que potencializaram ideias, diferentes histórias e trajetórias, que se uniram por meio do diálogo sobre o pensar-fazer a educação infantil, nessa tríade formada por crianças, famílias e profissionais. Em um movimento pós-pandemia, intencionamos continuar, *EntreUMEI*, refletindo, compartilhando, estudando sobre os fazeres da Educação Infantil pública popular.

## Referências

ANPED – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. **Manifesto ANPED: Educação a Distância na Educação Infantil, não!** Rio de Janeiro: ANPED, 2020. Disponível em: <https://anped.org.br/news/manifesto-anped-educacao-distancia-na-educacao-infantil-nao> Acesso em: 02 fev. 2021.

AGUDO, A. **Desenvolvimento humano cai pela primeira vez desde 1990 em meio à pandemia de coronavírus.** Madri: *El País*, 2020. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/planeta\\_futuro/2020-05-21/desenvolvimento-humano-cai-pela-primeira-vez-desde-1990-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus.html](https://brasil.elpais.com/planeta_futuro/2020-05-21/desenvolvimento-humano-cai-pela-primeira-vez-desde-1990-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus.html)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, M. de. **Retrato do artista quando coisa.** Rio de Janeiro: Record, 2002

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 05, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Conselho Nacional da Educação, Câmara da Educação Básica. Brasília, DF, 2009.

BENJAMIN. W. **O narrador.** Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Organização Walter Benjamin. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTRO, R. **Observatório Covid-19 aponta maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil.** Agência Focruz de notícias. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GARCIA, R. L. **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática.** São Paulo, SP: Cortez, 2008

KOHAN, O. **Tempos de pandemia e necropolítica: ainda há tempo de infância?** Revista Latinoamericana de Colegio Internacional de Filosofia. Buenos Aires, jun, 2020. Disponível em: < » Tempos de pandemia e necropolítica: ainda há tempo de infância? Por Walter Omar Kohan (revistalatinamericana-ciph.org)> Acesso em 19 dez. 2021

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Palestra proferida no 13o. COLE 2013. Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp- Campinas 2013 SP- 2001. Disponível em: [http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2021/bibliografia-2021/larrosa-jorge-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-de-experiencia/at\\_download/file](http://www.unirio.br/cla/ppgeac/processo-seletivo-2021/bibliografia-2021/larrosa-jorge-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-de-experiencia/at_download/file) Acesso em 05 de jun. 2021

MANHÃES, L. C. S. **Redes de formação de educadores.** Organização Joanir Gomes de Azevedo; Neila Guimarães. Formação de professores: possibilidades do imprevisível. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 99-120.

MORIN, E. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NEVES, A. **Obax.** São Paulo: Brinque-Book, 2010

OGEDA, A.; LAGE, L.; VIEIRA, N. **Dançar, mover, deslocar: o corpo na formação dos profissionais da educação infantil.** Revista Veras, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 48-67, jan/jun, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. **Pedagogia-em-participação: em busca de uma práxis holística.** Organização Julia Oiveira-Formosinho; Christine Pascal. Documentação Pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 26-56.

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Edições Almedina, 2020.

Recebido em 30 de janeiro de 2022.

Aceito em 14 de março de 2022.